

A iniciação ao arbítrio

A ESCOLA é o primeiro contato da criança com um mundo de relações mais conscientes e pactuadas; e de papéis sociais que são assumidos em correspondência e dependência, uns dos outros. Ou seja, a escola é o primeiro contato da criança com a sociedade organizada, criada e estruturada pelo Homem.

O MUNDO da família é o da unidade quase espontânea, nascida da consangüinidade, da continuidade e da mais completa convivência. O mundo da escola é o do afrontamento entre a individualidade e a pluralidade, entre o egocentrismo e a sociabilidade, onde a unidade tem que ser construída através da conciliação e do compromisso entre esses grupos antagônicos de interesses. E essa conciliação recebe o nome com que só na escola a criança vem a se familiarizar mais completamente: ordem.

A ESCOLA é o mecanismo institucional de introdução da criança no que a sociedade concebe como ordem. Indiferentemente a que essa ordem seja a ordem estática das sociedades conservadoras, ou a ordem dinâmica das sociedades mais atentas à vida e progressistas: a escola, ou é o aprendizado prático da ordem; ou simplesmente não existe.

A CRESCENTE-SE a essa realidade social uma outra: é a escola que inicia, através da conciliação

acima referida, à distinção entre o público e o privado. Na escola a criança usa, pela primeira vez, daquilo que é de todos: daquilo que jamais deve ser apropriado por alguém em particular, para que seja preservado em benefício de todos. A casa é sempre propriedade particular de alguém; na escola não há propriedade; existe a posse e o uso partilhado do que é comum.

NÃO É preciso dizer mais, para que se perceba quanto a escola é, por si, uma agência de formação moral e cívica; e que assimilar a escola como instituição é mais eficaz que qualquer biblioteca ou ciclo de preleções.

E NÃO É preciso também dizer mais para que se perceba o risco de uma desestruturação, talvez irreversível, que estão sofrendo no momento as crianças brasileiras, com a crise que nos contagia a escola, especialmente a que se dá como escola por excelência, pelo título e condição que assume de escola pública.

QUE noção de justiça poderão estar assimilando as crianças, quando sequer o ano letivo implica compromisso e quando presenciam a manifesta disposição de professores de fraudar a reposição de aulas não dadas durante uma greve? Que imagem de sociedade livre, eletiva poderão ter, se de repente se vêem como peças de um jogo

que não jogam e como massa de manobra de um conflito que não é seu? A que liberdade individual aspirarão elas, quando o exercício da liberdade se traduz em agressão premeditada à ordem: será à liberdade do marginal, daquele que dita a outrem sua lei, para tanto submetendo-o à chantagem?

PIOR ainda: quando vêem os agentes da instituição escolar a ocupar "na marra" um próprio estadual, como a Secretaria de Educação aqui no Rio, ou a investir sobre a sede do Governo, o Palácio Bandeirantes, em São Paulo, que outra experiência poderão estar as crianças adquirindo, que a da prática da violência? Apropriar-se um adulto do que é público e nele se instalar, a título de forçar um reconhecimento geral do protesto e da reivindicação, será socialmente menos nocivo que apropriar-se uma criança, de impulsos ainda mal controlados, de algum material da escola? Essa propaganda pelo fato do desacato à ordem não leva à destruição completa da escola pública?

SE O que se aprende na escola aprende-se para a vida, a instituição escolar brasileira está sob o risco de se tornar o lugar por excelência de uma experiência traumatizante: a experiência de uma liberdade que nasce fadada à prepotência e ao arbítrio; e de uma sociedade que é o domínio da violência.